

Diogo Augusto Gonçalves Ferreira

## Mistério da Ternura

Entender para melhor viver  
o Advento e o Natal



ALTA BOOKS  
GRUPO EDITORIAL

Jesus, o filho de minha filha, nasceu aqui em Nazaré, no mês de janeiro. E na noite em que Jesus nasceu, fomos visitados por homens do Oriente. Eram persas que vinham do Estraelon a caminho do Egito. E como não conseguiram lugar nas hospedarias, buscaram refúgio em nossa casa. E eu lhes dei as boas vindas e disse-lhes: “minha filha deu à luz um filho esta noite. Confio que me perdoeis se não vos servir como convém a uma boa hospedaria”.

E eles agradeceram a hospitalidade. E depois da ceia, disseram-me: “Gostaríamos de ver o recém-nascido”.

O filho de Maria era bonito, e ela também era formosa. E quando os persas viram Maria e seu bebê, tiraram ouro e prata de seus sacos, e mirra e incenso, e puseram-no aos pés da criança.

Depois, prosternaram-se e rezaram num idioma estranho que não compreendemos.

E quando os conduzi ao seu quarto de dormir, andavam como que assombrados com o que tinham visto.

Ao amanhecer, despediram-se e seguiram para o Egito.

Mas, antes de partir, falaram-me e me disseram: “a criança tem apenas um dia, porém vimos a luz de nosso Deus nos seus olhos e o sorriso de nosso Deus nos seus lábios.

Rogamos-lhe protegê-lo a fim de que vos proteja a todos”.

Dito isto, subiram nos seus camelos, e não os vimos mais.

E Maria não parecia tão feliz com seu primeiro filho quanto cheia de deslumbramento e de surpresa.

Contemplava-o longamente, e depois virava a face para a janela e fixava seu olhar ao longe no céu como se estivesse tendo visões.

E havia vales entre seu coração e o meu.

E a criança cresceu em corpo e em espírito, e era diferente das outras crianças. Era solitário e difícil de dirigir, e eu não podia ter mão nele.

Mas em Nazaré todos o amavam, e no meu coração sabia por quê. Muitas vezes levava nossa comida e a oferecia aos transeuntes. E distribuía a outras crianças os doces que lhe havia dado, sem prová-los sequer.

Escalava as árvores do meu pomar para colher frutas, mas nunca as comia.

E disputava corrida com as outras crianças, mas como era ligeiro, atrasava-se de propósito para deixá-las atingir o alvo antes dele.

E, às vezes, quando o punha na cama, dizia-me: “dize à minha mãe e aos outros que somente meu corpo dormirá.

Meu espírito estará com eles até que seus espíritos

venham para meu amanhecer”.  
E muitas outras palavras assombrosas, ele dizia em sua  
infância, mas já estou muito velha para me recordar.  
Agora, dizem-me que não o verei mais. Mas como acreditar  
no que dizem?

Continuo a ouvir seu riso e o barulho de suas correrias na  
minha casa. E todas as vezes que beijo a face de minha  
filha, sua fragrância volta ao meu coração, e parece-me que  
seu corpo está nos meus braços.

Mas não é estranho que minha filha nunca me fale de seu  
primogênito?

Às vezes, parece que minha saudade dele é maior que a dela.

Ela permanece firme perante os dias como se fosse uma  
imagem de bronze, enquanto meu coração se derrete  
e corre em rios. Talvez ela saiba o que não sei. Pudesse ela  
contar-me o que sabe.

Khalil Gibran (1883-1931)

Do Nascimento de Jesus por Ana, a mãe de Maria,  
in **Jesus, o Filho do Homem**.

AMOSTRA

*Dedico este livro à memória dos meus saudosos avós  
paternos, Joaquim Ferreira Tenório e Inês da Silva  
Ferreira, que me ensinaram a contemplar, no presépio,  
o inefável mistério da ternura do menino Jesus.*

## PREFÁCIO

Há muitos jeitos de se narrar uma história. Há muitas formas de descrever um fato. Ao nascermos, sabemos o que nos foi contado a partir de outro, porém, a devida experiência única, que é exclusivamente nossa, não é autobiográfica. Entre os motivos, a nossa memória, que ainda não é capaz de absorver tudo o que ocorre, e também a linguagem e a simbologia do mundo, que são reduzidas para dar conta do que é o início da vida. Mas, sem dúvidas, não nos falta ternura, de uma forma ou de outra, seja pelas mãos dos médicos, dos pais, dos avós ou de quem passou a ser responsável por nós naquele dia.

Os nascimentos, de um modo geral, sempre ocorrem com as mesmas personagens: mãe, junta médica, quando possível, pai, se houver, e algum outro membro da família. A narrativa oscila entre o medo e o desespero iniciais, que depois serão exterminados pela ternura da criança que vem ao mundo e renova a condição humana, muitas vezes desfigurada e descrente.

O Natal de Jesus é uma insistente expulsão do medo e do desespero humanos que não cessam de afrouxar nossos mais elevados sentimentos. Não é ingênuo que ele seja celebrado ao fim do calendário civil e início do calendário litúrgico, naquele há uma forte necessidade de restabelecimento das forças humanas ao fim de um período de grandes obrigações da existência, nesse um resgate da parte espiritual para começar um novo ciclo de fé. O menino de Belém convida ao aconchego diante das labutas da vida social e à experiência mística na vida espiritual.

Nos dias atuais, para muitos, o Natal é semelhante à semente que caiu em meio aos espinhos: as distrações e preocupações materiais abafaram e mataram a semente (cf. Mt 13,18-23). A ideia do final de ano, atrelada às satisfações emocionais movidas por uma compulsão apenas material, descobriram os corações humanos da mais terna e pura mensagem natalina. Os corações humanos, que deveriam ter espaço e olhos para contemplar a manjedoura, são inflamados por outras sensações, passageiras e ilusórias, que inibem o sagrado de acontecer, afinal, contemplar exige tempo, espaço e cultivo da sensibilidade.

A obra presenteada a nós tem a história mais importante entre os humanos tratada sob dois aspectos, que deveriam sempre andar juntos quando se trata de fé: a historicidade e o encanto. Diante desses dois pontos, qualquer pessoa, de espírito recheado de ternura ou que quer renascer junto ao Cristo no Natal, saberá beber de cada palavra aqui colocada. A obra é única porque consegue dizer, em meio ao aconchego das experiências do próprio autor, com um coração que soube olhar cada imagem do presépio e tentou buscar, nas feições de cada personagem, o sentido mais pleno da maior natividade ocorrida até hoje.

O estímulo da sensibilidade colocada para o leitor é semelhante à mensagem dos anjos aos pastores naquela noite venturosa, pois, com relatos da experiência de sua infância, permite uma participação exclusiva do que o Natal pode provocar nas histórias humanas.

Depois, de forma histórica e leal, a recordação do Nascimento é recuperada com todas as suas particularidades, poucas vezes tão bem ilustradas, de modo que o leitor compreenderá a importância dessa celebração com os pés no chão, mas os olhos e os ouvidos voltados para os céus. Símbolos, celebrações, narrativas, trechos e imagens que cul-

tivaram a história humana e a modificaram a partir da noite do Natal. Em uma mescla de história e fé, a obra abre-nos um sentido de recuperação do imaginário e das principais formas da expressão do amor de Deus aos homens.

Por fim, o autor ainda propõe um jeito concreto de viver a experiência do nascimento de Jesus a partir da celebração orante, que poderá ser feita de forma particular ou não, mas que é pedagógica por encerrar com uma prática, sem sombra de dúvidas, de fé, renascida, meditada, e o mais importante: experienciada.

Conhecer os lugares em que ocorreram aquilo que a narrativa dessa obra ilustra tão bem nem sempre será possível a todos, assim como não teremos, jamais, a experiência da noite do Natal como foi, pois *Mistério da Ternura* não permite uma volta ao dia, de fato, do Natal, mas sem medo de dizer, possibilitará ao leitor ser um dos pastores, dos reis magos ou, quem sabe, Maria ou José diante do maior homem que existiu: o Príncipe da Paz.

*Prof. Me. José Adriano de Oliveira*

*Doutorando em Língua Portuguesa pela PUC-SP.*

## SUMÁRIO

*Introdução, 13*

*Capítulo 1: Ternura Luzente - História, 19*

*Capítulo 2: Ternura Expectante - Advento, 37*

*Capítulo 3: Ternura Figurante - Símbolos, 49*

*Coroa do Advento, 51*

*Árvore de Natal, 54*

*Presépio de Belém, 56*

*Capítulo 4: Ternura Nascente - Natal, 69*

*Capítulo 5: Ternura Celebrante - Festas, 87*

*Solenidade do Natal do Senhor, 88*

*Festa da Sagrada Família, 94*

*Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus, 96*

*Solenidade da Epifania do Senhor, 100*

*Festa do Batismo do Senhor, 106*

**Capítulo 6: Ternura Orante - Novena, 111**

*1º Dia - 16 de Dezembro, 113*

*2º Dia - 17 de Dezembro, 115*

*3º Dia - 18 de Dezembro, 115*

*4º Dia - 19 de Dezembro, 116*

*5º Dia - 20 de Dezembro, 116*

*6º Dia - 21 de Dezembro, 117*

*7º Dia - 22 de Dezembro, 118*

*8º Dia - 23 de Dezembro, 119*

*9º Dia - 24 de Dezembro, 119*

**Conclusão, 121**

**Referências, 125**

## INTRODUÇÃO

*Lembra, Senhor, do teu amor e da tua ternura para sempre (Sl 25,6).*

É dezembro. Não há nada mais terno do que o olhar de uma criança para o presépio que foi montado nalgum canto da casa dos seus avós, enquanto os furiosos pingos das chuvas de verão extraem música dos telhados sulmineiros, que, sem forro, permitem aos respingos da água umedecer os ambientes. As gotículas que invadem os cômodos pelas frestas das telhas parecem se esforçar para chegar àquela lapinha na qual dorme o recém-nascido de Belém, como se estivessem tentando cumprir aquilo que o profeta pediu: “que os céus deixem escorrer lá de cima, que as nuvens façam chover a justiça, abra-se a terra, deixando germinar a salvação e ao mesmo tempo brote a justiça” (Is 45,8). Nas tardes abafadas do fim de ano, em que o calor se acumula por entre as paredes das casas e gera um clima de fadiga e cansaço nos moradores, a chegada da chuva é sempre messiânica: anunciada pelo intrépido profetismo dos trovões em ação e precedida pelo joanino vento impetuoso que carrega as folhas secas levando-as para um único destino, ela vem como aquele menininho do presépio da “vó” para trazer frescor e descanso, pois através do nascimento de Jesus, “derramaste uma chuva torrencial, ó Deus, fortaleceste o teu povo quando estava exausto” (Sl 68,10).

Na época de veraneio, a chegada da chuva é tão redentora quanto à vinda do Messias o foi na história da humanidade: em dias de intenso calor ninguém se esconde da água que despenca do céu como um chafariz no deserto; muito pelo contrário! Ao primeiro sinal da sua vinda, correm as crianças para dançar ao som das gotas que se lançam sobre a terra,

aguardando que, assim que se cansem de descer das nuvens para brincar com elas, surja o arco-íris com sua beleza sem par. De igual forma, não é possível, nem mesmo aos corações mais arredios, deixar de olhar para aquela terna cena do presépio: “não há criatura que possa ocultar-se diante dela. Tudo está nu e descoberto aos olhos daquele a quem devemos prestar contas” (Hb 4,13). Enquanto o mundo exterior desaba em água, sendo refrescado e nutrido pela potência redentora da chuva, o menino Jesus descansa, mimoso, no cocho dos animais, sob olhar criativo da criança: o boi e o jumento bafejam as palhas como se o sono do recém-nascido atrapalhasse a hora da refeição; Maria e José contemplam, perplexos, a beleza daquele rosto até então desconhecido por eles; os pastores, curiosos, buscam entender quem é aquele por quem deixaram seus rebanhos; os reis oferecem presentes inúteis a uma criança que só queria dormir; e o anjo vigia para que nenhum respingo da chuva venha a resfriar o bebê.

Tal “como a chuva e a neve que caem do céu para lá não voltam sem antes molhar a terra e fazê-la germinar e brotar, a fim de produzir semente para quem planta e alimento para quem come” (Is 55,10), assim também acontece com o menino Deus; sua vinda no natal é para permanecer com a humanidade, porque ele é o Emanuel (cf. Mt 1,23), e não voltará para junto de seu Pai sem que tenha estabelecido no mundo aquela fonte que brota da terra e “que rega toda a sua superfície” (Gn 2,6) com a água viva: “quem beber da água que eu darei, nunca mais terá sede, porque a água que eu darei se tornará nele uma fonte de água jorrando para a vida eterna” (Jo 4,13-14). Tão logo a chuva passa e as cores do arco-íris testemunham a saída das aleluias dos cupinzeiros antes do cair das noites de verão, as luzes do pisca-pisca reclamam novamente a atenção infantil, como se recordassem que, tendo passado o alvoroço da tempestade, permanece

a ternura misteriosa da cena que cativou o olhar da criança no início da precipitação: “Maria e José, e o recém-nascido deitado na manjedoura” (Lc 2,16).

Quanta ternura uma só tarde de dezembro encerra! Essas memórias natalinas tão afetuosas, cada vez mais raras num tempo em que o sentido religioso do natal tem sido absorvido e suplantado pela secularização economicista, atraem as pessoas para o mistério do nascimento do Senhor, da mesma forma que os anjos atraíram os pastores à gruta da natividade: “vamos a Belém para ver o que aconteceu, segundo o Senhor nos comunicou” (Lc 2,15). Muito embora haja essa afeição popular pelo natal, que é naturalmente encantador graças à doçura, inocência e ternura reveladas por um Deus que se fez criança para amar os humanos mais de perto, existe uma carência generalizada por compreender, de fato, a história, a teologia, a espiritualidade e a liturgia que atualizam o milagre da encarnação, chamado, neste livro, de mistério da ternura. O que se quer dizer é que, devido à ausência de um sentido cristão esclarecido, muitas pessoas comemoram o natal, inclusive frequentando as celebrações litúrgicas, sem com isso encontrar-se verdadeiramente com o menino Jesus! Vão, como os pastores foram até Belém, mas, por falta de formação, não contemplam o mistério.

Sendo assim, o presente livro intenta oferecer ao leitor conhecimentos históricos, teológicos, espirituais e litúrgicos que colaborem para que se faça, a partir da leitura estudiosa dos temas, uma genuína experiência mistagógica, ou seja, um caminho catequético de aprofundamento do mistério do natal. Conhecendo os sentidos histórico, teológico e espiritual dos ritos e símbolos que atualizam o mistério do nascimento de Jesus Cristo através da liturgia, os cristãos poderão celebrar o natal com a solidez racional que fortalece a sua profissão de fé: quanto mais compreenderem os significados daquilo

que celebram na oração pública da Igreja, tanto mais os fiéis celebrarão consciente e ativamente os santos mistérios. Nesse sentido, o próprio apóstolo já alertava os cristãos nas primeiras décadas: “estai sempre prontos a dar a razão da vossa fé a todo aquele que a pedir” (1Pd 3,15). Conhecer o mistério da ternura, portanto, é fundamental para que, indo até Belém na liturgia, os fiéis imitem a atitude dos reis: “quando entraram na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Ajoelharam-se diante dele e o adoraram” (Lc 2,11).

De fato, o principal objetivo da liturgia, enquanto ação pública da Igreja por meio da qual se presta culto ao Senhor, é adorar a Deus; em contrapartida, ao adorar, a Igreja é santificada. São necessárias quatro atitudes por parte da comunidade orante, para que a adoração ocorra na liturgia, que podem ser aprendidas a partir do testemunho dos magos: “entraram”, “viram”, “ajoelharam-se” e “adoraram”. Num único versículo (cf. Lc 2,11), o evangelista Lucas resume as disposições sem as quais os fiéis não podem tomar parte, verdadeiramente, na oração da Igreja, para colher os seus frutos, dentre os quais se destaca o da santidade: inicialmente, é preciso entrar no mistério, ou seja, reconhecer que tudo o que se celebra na liturgia é obra de Deus, nasce da sua vontade salvadora. O passo da fé não é suficiente, além de entrar é necessário ver o mistério; e isso implica um esforço por parte do cristão para direcionar, conscientemente, seu olhar para aquilo que é celebrado. Nesse sentido, o esclarecimento histórico-teológico-espiritual é a dimensão do “ver” o mistério, do entender segundo uma visão intencionalmente direcionada o que Deus mostra de si no rito. Entregando-se ao mistério – “entrar” – e compreendendo o mistério – “ver”, o fiel chega ao que, de fato, é a liturgia: ajoelhar-se e adorar. É oração!

Como foi dito anteriormente, muitos cristãos de boa von-

tade entram no mistério da ternura pela afeição que o natal é capaz de causar nos seus corações, mas, por falta de conhecimento, não veem o mistério e não chegam àquela verdadeira adoração que os magos realizaram ao menino de Belém: sem o devido esclarecimento na fé, muitos fiéis “olhando não enxergam e ouvindo não escutam, nem entendem” (Mt 13,13). Dessa forma, para ajudar os cristãos a compreenderem as muitas dimensões do mistério da ternura de Deus que a Igreja celebra durante o ciclo do natal (tempo do advento e tempo do natal), este livro se organiza em cinco capítulos que apresentam o conteúdo minimamente necessário para que os fiéis renovem o seu entendimento (cf. Rm 12,2) sobre o nascimento de Cristo Jesus. Cada um dos seis capítulos apresenta uma característica do mistério da ternura, que é compreendida como luzente, expectante, figurante, nascente, celebrante e orante.

A *Ternura Luzente* diz respeito à trajetória histórica de formação da solenidade do natal ao longo da história da Igreja; a referência à luz se deve ao fato que o natal cristão se desenvolveu, enquanto rito, a partir de um intenso processo de cristianização das festividades pagãs em honra às divindades solares. A *Ternura Expectante* apresenta o sentido do advento, um período de preparação, ou seja, de expectativa para o nascimento do Messias. No capítulo da *Ternura Figurante*, são apresentados os significados das três principais figuras, tomadas aqui no sentido de símbolos, do natal cristão: a coroa do advento, a árvore de natal e o presépio de Belém. A *Ternura Nascente* descreve o evento histórico-teológico da natividade do Senhor, buscando explicar os horizontes teológicos que emolduram as diferentes narrativas bíblicas do natal, especialmente recolhidas dos evangelhos segundo São Mateus e São Lucas. A *Ternura Celebrante* fala sobre as cinco celebrações que marcam o tempo do natal, explicitando sua história e sentido: Solenidade do Natal, Festa da

Sagrada Família, Solenidade da Mãe de Deus, Solenidade da Epifania e Festa do Batismo. Por fim, o capítulo intitulado *Ternura Orante*, traz uma sugestão de novena preparatória para o natal segundo a espiritualidade das “Antífonas do Ó” e do presépio.

A leitura deste livro pretende colaborar para que, sem perder aquela ternura do olhar que contempla o sono do menino Jesus durante a chuva que cai nas tardes de verão, a criança que desperta no coração de cada pessoa durante o mês de dezembro seja capaz de olhar o presépio e ver o mistério: assim, a ternura infantil se transformará em “Mistério da Ternura”. Compreendendo com os olhos da fé e da razão não só a cena do nascimento que se pode ver no canto da casa dos avós, mas, sobretudo, a liturgia que atualiza o mistério da encarnação e da natividade do Filho de Deus para a salvação da humanidade, a criança interior que mora em cada cristão se curvará em adoração diante da tremenda e assustadora novidade que se encerra na lapinha de Belém, como fizeram os magos. Ao lançar o olhar para o bebê que descansa na manjedoura durante o natal, a partir de um esclarecimento histórico, teológico, espiritual e litúrgico, a criança será capaz de entender que, “de fato, Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16).